

MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA

EM DIRECÇÃO A UM MODELO
COMPONENCIAL DE
COMUNICAÇÃO FOLCLÓRICA

PELO

PROF. DOUTOR DAN BEN-AMOS

DA UNIVERSIDADE DE PENSILVÂNIA (FILADÉLFIA)

TRADUÇÃO DO

DR. CARLOS SILVA

DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL

PREFÁCIO DO

PROF. DOUTOR JORGE DIAS

DIRECTOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR



CADERNOS DE ETNOGRAFIA
BARCELOS 1969 ♦ SEGUNDA SÉRIE

8

EM DIRECÇÃO A UM MODELO
COMPONENCIAL DE
COMUNICAÇÃO FOLCLÓRICA

MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA

EM DIRECÇÃO A UM MODELO
COMPONENCIAL DE
COMUNICAÇÃO FOLCLÓRICA

PELO

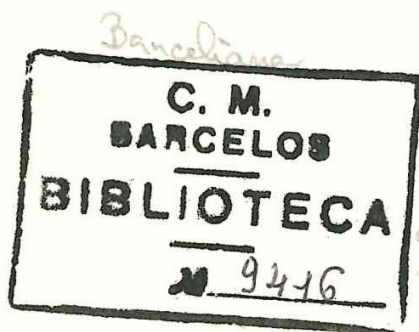
PROF. DOUTOR DAN BEN-AMOS
DA UNIVERSIDADE DE PENSILVÂNIA (FILADÉLFIA)

TRADUÇÃO DO

DR. CARLOS SILVA
DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL

PREFÁCIO DO

PROF. DOUTOR JORGE DIAS
DIRECTOR DO CENTRO DE ESTUDOS DE ANTROPOLOGIA CULTURAL
E DO CENTRO DE ESTUDOS DE ETNOLOGIA PENINSULAR



CADERNOS DE ETNOGRAFIA
BARCELOS 1969 • SEGUNDA SÉRIE

8

Arranjo gráfico do Escultor Zulmiro de Carvalho. Composto e impresso nas Oficinas da Companhia Ed. do Minho—Barcelos. Na composição: Fernando Lopes. Na paginação: Manuel C. Ferreira. Na impressão: Júlio Alves Silva e Manuel Armando da Silva Fernandes. Na brochura: Gualter Monteiro.

PREFÁCIO

A publicação deste estudo do Prof. Doutor Dan Ben-Amos, em tradução portuguesa, nos Cadernos de Etnografia de Barcelos, é certamente de importância fundamental para aqueles que se dedicam ao folclore em Portugal e em Espanha, ou em qualquer país latino-americano.

O folclore, como qualquer outra disciplina científica, necessita de uma base teórica, que se renove pelo convívio com as várias correntes de pensamento que surgem nas diferentes escolas espalhadas pelo mundo. Quando uma disciplina se isola, e se alimenta exclusivamente da sua própria capacidade de renovação, tende a atrofiar-se e a estagnar-se. Pelo contrário, o convívio dinamiza e estimula as forças criadoras, obrigando cada um a superar-se e a elevar-se a um nível internacional.

A diversidade de línguas usadas nos vários países é um obstáculo ao convívio a que me refiro, e impede-nos de contactar com as obras de grandes mestres, muitas delas escritas em idiomas que

poucos conhecem, como o russo, o japonês, etc. Apesar de muitos autores eslavos, húngaros e escandinavos publicarem em inglês e alemão e às vezes também em francês, isto não basta para a maioria dos folcloristas de língua portuguesa ou espanhola, que raras vezes vão além do francês. Além da dificuldade das línguas existe o problema dos livros, pois não os há nas bibliotecas gerais do País, e as poucas especializadas que existem, além de muito incompletas, estão em dois ou três centros e não são acessíveis aos folcloristas espalhados pela província.

Devemos, portanto, a Barcelos este contributo importante para o aperfeiçoamento dos estudiosos destas matérias de língua portuguesa e espanhola.

O Professor Ben-Amos é um folclorista americano que se veio inserir na velha linha de Stith Thompson e de Richard Dorson, que honraram com a sua presença o Congresso Internacional de Etnografia de Santo Tirso, em 1963.

Dan Ben-Amos fez os seus primeiros estudos na Universidade Hebraica de Jerusalém, tendo daí transitado para os Estados Unidos, matriculando-se na Universidade de Indiana (Blomington), onde obteve o seu doutoramento em folklore-folklife, no Instituto de Folclore, sob a orientação do Prof. Dorson, sucessor de Stith Thompson, desde que este atingiu o limite de idade.

Dado o valor das provas prestadas, a Universidade de Pensilvânia (Filadélfia) dirigiu-lhe um convite, desempenhando hoje as funções de professor extraordinário.

O Prof. Ben-Amos alcançou uma posição de tanto relevo, como especialista de folclore, que foi enviado ao «VIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas», realizado em Tóquio no Verão de 1968, como delegado da «Sociedade Americana de Folclore». Este trabalho, aqui publicado em tradução portuguesa, foi uma das suas comunicações ao referido congresso, onde foi discutida e muito apreciada.

O Prof. Ben-Amos fez pesquisas de campo na cidade de Benim, e nas regiões médio-ocidentais da Nigéria, estando tão interessado no folclore judaico como no africano.

*Contribuiu na edição do volume *Folktales of Israel*, tem um artigo em impressão na *Journal of American Folklore* (1969) intitulado «*Toward New Perspectives in Folklore*». Tem igualmente em publicação na Indiana University Press uma colecção de lendas judaicas dos princípios do séc. XIX, traduzidas e anotadas de colaboração com Jerome R. Mintz.*

No presente artigo o autor parte da pesquisa de campo como base concreta de experiência vivida, para a especulação teórica. Isto deu-lhe a oportunidade de afinar conceitos relativos ao folclore, como facto de cultura, a partir de ensinamentos colhidos nas suas pesquisas e na bibliografia da especialidade. Pode dizer-se que a sua contribuição é muito importante, pela análise das situações sociais em que o folclore aparece como fenómeno inter-relacionado. Ele não se contenta com descrições «éticas», mas procura entrar no mundo dos propósitos, significados e atitudes por meio da abordagem «emica». Só esta ajuda a compreender os actores individuais envolvidos na situação folclórica que se estuda, de maneira a permitir interpretar as suas atitudes, motivações, interesses, reacções e conflitos.

Este estudo do Prof. Ben-Amos não é fácil para as leigos, nem foi fácil para o traductor, porque a criação de palavras novas para designar conceitos novos, fenómeno natural em ciência, obrigou a criar neologismos em português, que não se encontram nos dicionários. Porém, qualquer antropólogo português, familiarizado com a bibliografia internacional, não terá dificuldade em compreendê-los. Aquele que a tiver só lucrará em ser obrigado a consultar novas obras e a alargar os seus horizontes.

A colaboração do Prof. Ben-Amos pode considerar-se extremamente valiosa, porque abre novas perspectivas aos folcloristas portugueses, servindo-lhes ao mesmo tempo de garantia de que o folclore não é uma actividade meramente recolectora de contos, adivinhas, provérbios e canções, mas que por trás disto estão os ambientes sociais que os determinam, e que é necessário analisar sob o ângulo «emico», de maneira a obter «modelos componenciais», no campo da comunicação folclórica.

Estão os Cadernos de Etnografia de Barcelos de parabéns, pelo lugar honroso que conquistaram no País, servindo de cátedra a professores estrangeiros ilustres que podem assim ensinar ao vasto público dos seus leitores novas concepções e teorias, abrindo de par em par as janelas para o mundo onde se analisa, teoriza e pensa, ajudando a varrer as velhas concepções do séc. XIX, hoje inteiramente descabidas e fundamentalmente ultrapassadas.

É bem de esperar que este trabalho dê frutos e ajude à renovação duma disciplina que entre nós já teve um passado brilhante e pode vir a ter um brilhante futuro. Basta para tal uma boa formação, estudo e dedicação ao trabalho.

Jorge Dias



*Em Direcção
a um Modelo Componentencial
de Comunicação Folclórica*

Nos últimos dez anos o conceito de comunicação passou a lugar de proeminência. Quer como termo popular significando «receptáculo de todas as coisas», quer como ideia que serve de base para uma rigorosa investigação multidisciplinar (Cherry 1957; Dance 1967; Moles 1967; Smith 1966; Thayer 1967). De acordo com esta tendência, a classificação do folclore como processo comunicativo (Ben-Amos 1967) pode moldá-lo em novas perspectivas que subsequentemente resultarão num novo conjunto de problemas e, esperemo-lo, em alguns meios metodológicos para lhes fazermos frente. O presente trabalho é um esboço preliminar nesse sentido.

A concepção do folclore como processo de comunicação não quer dizer que todas as interações sociais sejam folclore. Antes, se presume implicitamente que o conceito contém, dentro de toda a gama dos acontecimentos sociais, certas situações que são culturalmente definidas como folclore. As suas designações classificativas com categorias especiais, dentro do universo cultural do raciocínio, a sua diferença específica, são efectivas a três níveis: o sistema cognitivo, a expressão verbal (incluindo a musical e a cinética) e o comportamento social. Cada um deles contém um conjunto de traços determinantes que colocam o folclore numa categoria cultural distinta e identificam os atributos que lhe são inerentes.

A concepção que uma sociedade tem da sua comunicação folclórica acha-se incorporada no seu sistema cognitivo. Implícita dentro dos termos que definem e simbolizam o folclore, ou as suas sub-categorias, está a percepção cultural selectiva de atributos comunicativos, a estrutura compo-nencial dos seus conceitos e os princípios fundamentais da sua taxonomia. A expressão verbal (incluindo a musical e a cinética) constitui a substância da comunicação como representação simbólica, efectiva, de ideias, valores e emoções. Há três dimensões de expressão—a estilística, a temática e a estrutural. Cada uma delas contém conjuntos de traços distintivos que servem um fim duplo: 1) a identificação de uma comunicação como sendo folclórica e 2) a simbolização da sua mensagem. Semelhantemente, o comportamento em acontecimentos folclóricos segue regras específicas de conduta, relativamente às dimensões de tempo, espaço, relações espaciais, composição social e competência de execução folclórica. Estes atributos de comportamento não são somente meros dados analíticos requeridos para a interpretação do texto (Dundes 1964), mas qualidades distintas que funcionam no sentido da compreensão cultural da comunicação. São parte do *metrix* simbólico do folclore.

Esta concepção do folclore sugere, pelo menos, duas distintas, não obstante complementares, direcções preliminares de inquérito. A primeira foca o sistema cognitivo, a comunicação expressiva e o comportamento social, tentando fazer ressaltar os traços determinantes e os atributos

inerentes ao folclore que o distinguem como categoria especial em cada um dos respectivos níveis. Este inquérito deveria pôr a descoberto os traços distintivos das formas do folclore, os sistemas de códigos, sinais e símbolos que estabelecem a sua posição ímpar no conjunto das relações com outras formas de comunicação. Ele deveria esboçar a amplitude das variáveis, exclusivas de cada traço distintivo, e indicar as convenções de comportamento que regem a sua aplicação numa dada cultura.

A segunda direcção de inquérito respeita a eventos folclóricos, específicos ou genéricos, e às relações estruturais dos seus componentes, segundo eles funcionam nos níveis cognitivo, expressivo e de comportamento, e ainda nas suas respectivas dimensões. Os componentes de um único evento são interdependentes. Cada um deles tem um âmbito de variabilidade, culturalmente definido, que, quando excedido, gera mudanças qualitativas e modificações subsequentes nos outros níveis de comunicação. Esta hipótese, a que respeita à correlação dos componentes de eventos folclóricos, tem ainda uma maior aplicação em pesquisa. Ela deveria permitir-nos formular previsões com respeito a mudanças e à compreensão da estética da comunicação do folclore numa dada cultura.

Para esse efeito, proponho a formulação de um modelo componencial de comunicação folclórica para servir de quadro de referência do inquérito sobre os efeitos que os atributos inerentes a eventos folclóricos têm sobre outros, dentro de diferentes contextos (Vide Geogres 1967; Hymes 1962; 1964a; 1964b; 1967; Jason 1967).

O conhecimento cultural da realidade folclórica é expresso pelos termos descritivos que o designam como uma categoria comunicativa distinta e qualificam os seus diferentes géneros e eventos. O emprego destes termos para a compreensão da percepção cultural de atributos comunicativos, a estrutura componencial destes conceitos e os princípios taxonómicos do folclore exigem investigação rigorosa e persistente. Que eu saiba, não existe notícia de tal investigação.

Para exemplificar, far-se-á aqui referência a estudos que fornecem os termos necessários e descrevem, ainda que incompletamente, a sua importância. Com base nestes

estudos, poder-se-á considerar o tempo, o realismo e a prosódia como paradigmas ao longo dos quais algumas culturas diferenciam entre a comunicação denotativa e a folclórica-conotiva ou definir os géneros desta. Assim, os Limbas, da Serra Leoa, designam as artes verbais, herdadas culturalmente, como *mboro*, palavra que significa assuntos relativos a tempos idos (Finnegan 1967: 25-48). O termo abarca tudo e refere-se a formas de expressão análogas aos provérbios, metáforas e adivinhas de outras culturas. Porém, os Limbas agrupam todos estes géneros numa só categoria que significa, conforme o próprio termo, o seu traço distintivo. Algumas culturas reconhecem dois géneros distintos dentro da categoria da prosa narrativa — relatos fictícios e não-fictícios—contrastando assim contos ao longo do paradigma do realismo (Bascom 1965; Berry 1961). Estes termos indicam que, do ponto de vista cultural, a verdade é o principal atributo perceptível nestas formas narrativas. Noutras sociedades ainda, o modo de apresentação constitui o principal paradigma taxonómico. Assim, os Lambas (Doke 1927: XIV) classificam as suas narrativas populares em duas categorias: contos com e sem cantigas. Estes termos ou conjuntos de contrastes não representam *todos* os atributos que determinada cultura concebe nas suas formas comunicativas. A taxonomia das narrativas, conforme um destes princípios, não implica necessariamente desprezo pelas outras qualidades do folclore. Por exemplo, uma sociedade que classifique as suas narrativas conforme o seu modo de apresentação pode considerá-las todas verdadeiras. A sua validade histórica é qualidade essencial que não é nunca posta em dúvida e é tão extensamente aceite que deixa de ser um critério conveniente para a classificação do *folc*. Estes, e possivelmente outros critérios taxonómicos, representam o conhecimento que uma sociedade tem das qualidades simbólicas de formas comunicativas folclóricas. Cada um deles designa, qualitativamente, um género ou evento folclórico e, assim, exprime o conceito que a cultura tem do mesmo.

A classificação cultural de folclore não é mero sistema nominalístico. Os níveis expressivo e o de comportamento constituem a substância realista dos conceitos que estes termos exprimem. Por isso, a concepção *global* da sua conotação

e o âmbito de variabilidade exigem a correlação entre os termos e a realização tanto expressiva como de comportamento.

Uma tal correlação deveria levar em conta as dimensões estilística, temática e estrutural da comunicação expressiva e isolar, para cada um deles, os traços específicos que definem o folclore, em geral, ou as suas formas, em particular. A estilística do folclore que diferencia os seus vários géneros funciona como traços perceptíveis em qualquer nível linguístico, desde o semântico até ao sintático e até ao fonético (e. g. Emaneau 1966; Gayton e Newman 1940; Jakobson 1966; Lord 1960; Sapir 1925). Estas distinções estilísticas podem ser modificações de vocabulário na conversa de todos os dias ou podem exigir a introdução de frases especiais, tais como fórmulas de abertura e encerramento e ainda metáforas e analogias que o narrador introduz no decorrer da sua narração. Os contadores de histórias de Benim, que registei em 1966, interrompiam as suas narrativas com uma fórmula expressiva de surpresa e confirmação, «*O na we há? O na we he!*» (É assim? É, sim.), forma que representa uma das marcas que distinguem a narrativa bem construída de um simples relato.

Tal como o estilo, o conteúdo temático é um componente dos eventos folclóricos. Há um número limitado de temas e assuntos e há regras, estabelecidas culturalmente, para a sua inclusão e exclusão. Incluídos, critérios como o tempo (antes do começo do mundo, passado cronológico, o intemporal e o futuro), personagens (santos em lendas, heróis em poemas épicos, e donzelas e criminosos em baladas), e outros, por si sós ou em combinação. Constituem estes as fronteiras temática e genérica do folclore, do ponto de vista *emico*. Estas regras estão sujeitas a modificações mesmo dentro do espaço de duração duma geração. Os tópicos poderão aparecer ou desaparecer do espectro cultural do folclore, à proporção que mudam a experiência social e os canais de comunicação. O processamento da folclorização dos temas implica a simbolização destes assuntos. Os animais nos contos, as jovens nas baladas e os santos nas lendas tornam-se símbolos culturais no contexto da comunicação do folclore. Assim, quando o repertório do folclore se estende para incluir

novos heróis e líderes políticos, ele transforma-os em figuras simbólicas. A noção da definição temática do folclore, que está de acordo como conceito *emico* da mesma, implica que nem todas as narrativas, por mais populares que sejam, se podem considerar folclore mesmo que sejam encontradas em circulação oral ou mesmo que satisfaçam os requisitos culturais de expressão artística.

A simbolização dos temas envolve também a estruturação de eventos e palavras por tal modo que a sucessão de episódios, metáforas, sons e movimentos se transformam em símbolos afectivos tais como contos, provérbios e metáforas, melodias e danças. As estruturas da comunicação folclorística têm tanto de afirmação de conotação simbólica como o seu conteúdo temático. Portanto, tem que haver um certo grau de correlação, do ponto de vista de perspectiva cultural, entre a forma e o conteúdo. De contrário, as mensagens que dois componentes encerram seriam incongruentes. No campo ideal, há uma relação directa entre os componentes temático, estilístico e estrutural dos eventos folclóricos. A introdução de uma mudança em qualquer destas dimensões deve resultar em modificações sucessivas noutros conjuntos de traços determinantes e pode, a seu tempo, levar à criação de novos termos para novas formas. Na realidade, porém, os componentes estilístico, temático e estrutural dos eventos folclóricos têm um certo número de correlações. Assim, certo traço estilístico serve para identificar dois, três ou mais assuntos temáticos e formas estruturais. O número de correlações permitido a cada conjunto de componentes constitui o seu campo de conotações.

O nível de comportamento da comunicação é uma das áreas da qual emergem novas modificações em folclore. As dimensões de tempo, espaço, conjunto de relações espaciais, composição social e competência na execução folclórica contém conjuntos de traços distintivos que qualificam a mensagem expressiva e assim constituem os componentes integrais da comunicação, propriamente dita, e identificam os atributos particulares de formas folclóricas individuais ou genéricas. É evidente que nem todas estas dimensões contém traços efectivos observáveis em cada caso particular. É possível idealizar uma comunicação, sem limitação de tempo, que

seja definida em termos de composição social do evento. Por exemplo, podem-se trocar provérbios em qualquer altura; contudo, pode haver regras que determinem quem os possa dizer e a quem eles se podem dirigir.

Há várias restrições temporais possíveis em eventos folclóricos. Elas estão directamente ligadas à concepção cultural das ocasiões para interacção social (Paris 1968). Uma divisão hipotética de tempo seria em ciclos diários, submensais, mensais, estacionais, anuais e multianuais. A singularidade de um ritual cumprido só uma vez por ano torna-se, nesse momento, num atributo simbólico do evento. A execução repetida do mesmo evento entra em conflito com a sua especificação temporal e torna-se incongruente com a concepção que a cultura tem do evento, violando assim as suas regras de conduta. Contudo, quando ocorre tal violação do código folclórico e é aceite, será necessário uma modificação subsequente nos outros dois níveis do folclore. De acordo com este conceito, deve ser possível postular uma correlação entre a temporalidade e uma adequada comunicação folclórica. Assim, as celebrações sociais que envolvem ritos de passagem podem ser uma parte de comunicação do folclore, distintas daquelas que ocorrem noutros ciclos de tempo.

Semelhantemente, a designação de espaços distintos para os eventos folclóricos constituem tanto uma definição especial de comunicação como um atributo simbólico da expressão. A restrição da comunicação folclórica a um lugar específico não só é uma função da religião como do comportamento económico e social. Assim, o mercado e a loja da aldeia podem ser localidades associadas a formas distintas de expressão. Cada tipo de comunicação pode ter várias localidades próprias em cada cultura diferente. Em sentido mais lato, as designações temporais e espaciais de eventos folclóricos são um índice de interacção social.

O local de eventos folclóricos assim como a estrutura social da cultura afectam, em larga medida, o âmbito de possíveis relações proxémicas entre os vários participantes no evento. A estruturação do espaço, como diz Hall (1966), é a dimensão oculta da comunicação. Cada tipo de evento tem as suas próprias convenções

relativamente às relações existentes entre o narrador e os ouvintes.

O conjunto de relações espaciais pode ser função da estrutura social dum grupo e estar-lhe directamente ligado. Não só os conjuntos de relações espaciais do grupo mas a composição social destes têm influência directa sobre a natureza e significado da comunicação folclórica. Algumas formas de expressão são culturalmente definidas como envolvendo uma composição social heterogénea; outras são restritas a sociedades homogéneas quanto a idade, sexo, profissão ou composição étnica. Chamam-se parábolas didácticas as que, em situações instrutivas, envolvem os membros amadurecidos assim como os inexperientes dum grupo. Por outro lado, os versos infantis e as anedotas de adultos são, por definição cultural, comunicações dentro de grupos sociais homogéneos. A sua execução, fora de grupos homogéneos, requer modificação e adaptação. Para mais, a composição social tornou-se ponto de conotação simbólica da forma folclórica que só é concebida na cultura dentro do âmbito do contexto social.

Finalmente, o grau de competência de execução folclórica (Vide os manuscritos de Hymes) dos narradores, cantores, perguntadores de adivinhas e inventores de histórias é um componente que contribui para a comunicação folclórica, tanto em grau como em qualidade. A presença de um contador de histórias profissional faz com que os eventos se aproximem dos mais altos padrões estéticos da cultura. Ela pode envolver a introdução de novos elementos comunicativos, tais como acompanhamento musical, conjunto de relações espaciais distintas dentro do sistema social, mudança na duração do evento e emprego de vocabulário e estilo distintos. Tudo isso tem como resultado um género de comunicação diferente do que quando está em cena um executante médio ou menos competente.

A suposição básica que está na base deste modelo com-
ponencial de comunicação folclórica é a correlação e a inter-
dependência de todos os elementos e atributos efectivos em
tais contextos. Isto implica que quando um factor de mudança
intervém num evento folclórico comunicativo, seguir-se-ão
necessariamente modificações sucessivas e reguladas, nou-

tros componentes do evento. Estas mudanças são previsíveis se forem conhecidas as convenções culturais para as comunicações.

A descoberta destas convenções é um passo necessário no estudo do folclore e qualquer tentativa para descobrir os seus componentes exige, primeiro, o estabelecimento do sistema comunicativo pelo qual ele é transmitido (e. g. Sturtevant 1964: 107).¹

¹ Comunicação apresentada ao VIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Set. 3/10, 1968, Tóquio e Kyoto, Japão. Desejo agradecer a Kenneth S. Goldstein as suas proveitosas sugestões.

BIBLIOGRAFIA

BASCOM, WILLIAM

- 1961 The forms of folklore: prose narratives. *The Journal of American Folklore* 78:3-20.

BEN-AMOS, DAN

- 1967 Folklore: the definition game once again. Comunicação feita à Assembleia Anual da American Folklore Society, em Toronto.

BERRY, JACK

- 1961 Spoken Art in West Africa. London School of Oriental and African Studies.

CHERRY, COLIN

- 1957 On Human Communication: A Review, A Survey, and A Criticism. New York, John Wiley & Sons and The Technology Press of Massachusetts Institute of Technology.

- DANCE, FRANK E. X. ed.
 1967 Human Communication Theory, Original Essay.
 New York, Holt Rinehart and Winston.
- DOKE, CLEMENT M.
 1927 Lamba Folk-Lore. Memoir of the American Folklore Society Vol. 20. New York. The American Folklore Society and G. E. Sterchert.
- EMENEAU, M. D.
 1966 Style and meaning in an oral literature.
 Language 42:323-345.
- FARRIS, JAMES C.
 1968 Validation in ethnographical description: the lexicon of 'occasions' in Cat Harbain Man 3:112-124.
- FINNEGAN, RUTH, trans. and ed.
 1967 Limba Stories and Story-Telling. Oxford. The Clarendon Press.
- GAYTON, ANN H. and STANLEY S. NEWMAN
 1940 Yokuts and Western Mono Myths. University of California Publication, Anthropological Records No. 5 Berkeley and Los Angeles. University of California Press.
- GEORGES, ROBERT A.
 1967 A generative approach to storytelling events. Comunicação apresentada na conferência sobre «Folklore and Social Sciences» da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. New York, Nov. 10-11, 1967. Patrocinada pelo Social Science Research Council, New York.
- HALL, EDWARD T.
 1966 The Hidden Dimension. Garden City, N. Y. Doubleday & Co.
- HYMES, DELL
 1962 The ethnography of Speaking. In Anthropology and Human Behavior, Thomas Gladwin and William C. Sturtevant, eds. Washington, D. C., The Anthropological Society of Washington.
 1964 Directions in (ethno-) linguistic theory. American Anthropologist. Special Publication. Transcultural Studies in Cognition, A. Kimball Romney and Roy Goodwin D'Andrade eds., vol. 66 No. 3 part 2:6-56.
 1964a Introduction: toward ethnographies of communication. American Anthropologies. Special Publication. The Ethnography of Communication. John S. Gumperz and Dell Hymes, eds. vol. 66 No. 3, part 2:1-34.

- 1967 Models of the interaction of language and social setting. The Journal of Social Issues 23:8-28.
- ms On Communicative competence. Para ser publicado em livro editado por Stanley Diamond, sobre acessos antropológicos à instrução.
- JAKOBSON, ROMAN
- 1966 Grammatical parallelism and its Russian facet. Language 42:399-429.
- JASON, HEDA
- 1967 A multidimensional approach to oral literature. Comunicação apresentada na Assembleia Anual da Central State Anthropological Society, Chicago.
- LORD, ALBERT B.
- 1960 The Singer of Tales. Cambridge, Mass., Harvard University Press.
- MOLES, ABRAHAM A.
- 1967 Sociodynamique de la Culture. Paris, Mouton.
- SAPIR, EDWARD
- 1925 Sound Patterns in Language. Language 1:37-51. Reprinted in Selected Writings of Edward Sapir in Language Culture and Personality, David G. Mandelbaum, ed. Berkeley and Los Angeles. University of California Press, 1949.
- SMITH, ALFRED G.
- 1966 Communication and Culture; Readings in the Codes of Human Interactions. New York. Holt, Rinehart and Winston.
- STURTEVANT, WILLIAM C.
- 1964 Studies in ethnoscience. American Anthropologist Special Publication. Transcultural Studies in Cognition, A. Kimball Romney and Roy Goodwin D'Andrade eds., vol. 66, No. 3, part 2:99-131.
- THAYER, LEE, ed.
- 1967 Communication Concepts and Perspectives. Washington, Spartan Books.

University of Pennsylvania
Philadelphia, Pennsylvania U. S. A.

CADERNOS DE ETNOGRAFIA

OS NÚMEROS ASSINALADOS COM UM ASTERISCO DEVEM CONSIDERAR-SE ESGOTADOS

PRIMEIRA SÉRIE:

- 1 * Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia (1964), *pelo Prof. Doutor Jorge Dias.*
- 2 * Ritos de Passagem. Entre o Airó e o Cávado (1965), *por F. Lopes Gomes.*
- 3 * Princípios Basilares das Ciências Etnológicas (1965), *pelo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira.*
- 4 * As Louças de Barcelos (1965), *por João Macedo Correia.*
- 5 * As Barcas de Passagem do Cávado, a Jusante de Prado (1966), *por Adélio Marinho de Macedo e José António Figueiredo.*
- 6 Curiosas Informações Sobre Usos e Costumes nas Margens do Cávado, em 1850 (1966). *Seleccção de Clotilde Cunha Leitão.*
- 7 As Olarias de Prado (1966), *por Rocha Peixoto.*
- 8 Catálogo da Colecção de Lenços Marcados (1966), *por Maria de Fátima da Silva Ferreira.*

SEGUNDA SÉRIE:

- 1 «OvaTjimba» em Angola (1967), *pelo Dr. Carlos Lopes Cardoso.*
- 2 Técnicas de Fiação Primitiva. As Rocas Portuguesas (1967), *por Benjamim Enes Pereira.*
- 3 Estudo de Anforetas Encontradas nas Costas Atlânticas e Mediterrânicas de Portugal, Espanha e França (1968), *pelo Dr. Eduíno Borges Garcia.*
- 4 As Olarias de Beringel (1968), *por Adélio Marinho de Macedo.*
- 5 Os Conceitos de Folclore e Etnografia em Portugal e no Brasil (1968), *pelo Prof. Dr. Alfredo João Rabaçal.*
- 6 Reflexões de um Antropólogo (1968), *pelo Prof. Doutor Jorge Dias.*
- 7 Assobios Onomatopaicos dos Barristas de Barcelos (no prelo), *pelo Prof. Dr. Flávio Gonçalves.*
- 8 Em Direcção a um Modelo Componencial de Comunicação Folclórica (1969), *pelo Prof. Doutor Dan Ben-Amos.*

DISTRIBUÍDOS PELA **LIVRARIA P**

♦ RUA DO CARMO, 70 ♦ L

biblioteca
municipal
barcelos



9416

Em direcção a um modelo
componencial de comunicação